

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA EM CRIANÇAS OBESAS EM UM AMBULATÓRIO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE SANTA CATARINA

CASTILHOS, Fernanda Brígido¹; MIOTTO, Geovana Elizabeth¹; BOING, Letícia Soares².

¹ Acadêmica do curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC.

² Endocrinologista pediátrica e professora do curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC.

Autor correspondente: Fernanda Brígido Castilhos – e-mail: fernandabrigido_@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A obesidade infantil apresenta proporções epidêmicas globais, sendo um dos maiores desafios do século XXI em relação à saúde pública. Houve um aumento da obesidade em mais de dez vezes entre crianças e adolescentes num período de 40 anos (1).

Esta condição é definida como um acúmulo anormal ou excessivo de gordura corporal, representando um risco à saúde (2). Sua etiologia é multifatorial, incluindo aspectos genéticos, ambientais e psicológicos (3).

O impacto da obesidade no organismo ocorre de inúmeras formas, podendo resultar em consequências graves, como doença arterial coronariana, dislipidemia, diabetes mellitus tipo 2 e algumas formas de câncer (4). Além disso, o excesso de peso pode influenciar negativamente sobre o estado emocional e social da criança, como baixa autoestima, sintomas de depressão e ansiedade, dificuldades de relacionamento, resultando em uma diminuição da qualidade de vida (5).

OBJETIVOS

Avaliar a qualidade de vida de crianças obesas de um ambulatório universitário do sul de Santa Catarina, bem como seu perfil sociodemográfico, dados antropométricos e fatores relacionados a qualidade de vida.

MÉTODOS

Estudo observacional com delineamento transversal, desenvolvido com crianças de 4 a 12 anos que possuíam diagnóstico clínico de obesidade, com base nas curvas da OMS de IMC para idade, atendidas em um ambulatório médico de saúde de uma Universidade do sul de Santa Catarina. Aplicou-se os seguintes instrumentos: *Autoquestionnaire Qualité de Vie Enfant Image* (AUQEI) (6), questionário sociodemográfico elaborado pelas autoras e pesquisa de dados em prontuário.

RESULTADOS

No total, 44 crianças participaram do estudo, sendo 30 (68,2%) do sexo masculino, com idades que variaram de quatro a doze anos com média de 9,3 anos.

A maior parte (97,7%) das crianças frequentava a escola, sendo que destas, 93% cursava o Ensino Fundamental. Quanto à renda familiar, em 88,6% da amostra estudada os pais ganhavam de um a cinco salários mínimos por mês.

O peso médio em quilogramas obtido foi de $51,7 \pm 10,54$, sendo o menor peso 24,5 Kg e o maior 69,6 Kg. Em relação ao IMC, a média ficou em $26,3 \pm 1,86$ kg/m², com variação de 20,7 kg/m² a 32,8 kg/m².

O escore médio total obtido do AUQEI foi de 48,7 \pm 5,8 pontos, de uma variação na escala aplicada de 0 a 78 pontos. Ao analisar o instrumento por fatores, verificou-se escores médios mais altos para família ($10,4 \pm 2,2$) e funções ($9,2 \pm 1,8$), e os menores escores médios para autonomia ($7,6 \pm 1,7$) e lazer ($7,6 \pm 1,1$).

Ao ser considerado o ponto de corte de 48, 54,5% (24) das crianças obesas encontravam-se na faixa igual ou acima de 48, representando qualidade de vida não prejudicada, e 45,5% (20) obtiveram pontos inferiores a 48, ou seja, qualidade de vida prejudicada.

Com relação aos resultados referentes a cada questão do AUQEI, os mais altos escores foram os relacionados a aniversário e férias. Os mais baixos escores foram relacionados à hospitalização e a estar longe da família.

CONCLUSÃO

O presente estudo demonstrou não haver prejuízo na qualidade de vida de crianças obesas, apesar da proximidade do escore médio total com a nota de corte. O fator família foi o que apresentou a maior média na avaliação da qualidade de vida e as questões do AUQEI com as menores pontuações foram aquelas que representavam situações de distanciamento da criança ao seu meio familiar, demonstrando a importância deste meio para a vida das crianças.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization. Taking Action on Childhood Obesity. Geneva; 2018. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/274792>. Acesso em: 07 abr. 2020.
2. World Health Organization. Obesity. Geneva; 2020. Disponível em: <https://www.who.int/topics/obesity/en/>. Acesso em: 07 abr. 2020.
3. Rocha M, Pereira H, Maia R, Silva E, Moraes N, Maia E. Aspectos psicossociais da obesidade na infância e adolescência. *Psic., Saúde & Doenças.* 2017; 18(3):713-723.
4. Sahoo K, Sahoo B, Choudhury AK, Sofi NY, Kumar R, Bhadoria AS. Childhood obesity: causes and consequences. *J Family Med Prim Care.* 2015; 4(2):187-192. <https://doi.org/10.4103/2249-4863.154628>.
5. Cruz SH, Piccinini CA, Matijasevich A, Santos IS. Problemas de comportamento e excesso de peso em pré-escolares do sul do Brasil. *J Bras Psiquiatr.* 2017; 66(1):29-37. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000147>.
6. Manificat S, Dazord A. Évaluation de la qualité de vie de l'enfant: validation d'un questionnaire, premiers résultats. *Neuropsychiatr Enfance Adolesc.* 1997;45:106-114.